

Revolução Soviética: impactos nos movimentos sociopolíticos e o anticomunismo na imprensa¹

Diorge Alceno Konrad^{*}
Gláucia Vieira Ramos Konrad^{**}
Rafael Fantinel Lameira^{***}

Resumo

O artigo procura demonstrar a forma como a imprensa liberal e conservadora apresentava a sua visão sobre os primeiros momentos da Revolução Soviética no Brasil, no Rio Grande do Sul e na cidade de Santa Maria. Esta abordagem é relacionada com a influência dos reflexos da conquista do poder pelos bolcheviques nos movimentos sociopolíticos de então.

Palavras-chave: Imprensa. Poder. Bolcheviques.

A classe dominante consolida seu domínio, privando as classes subalternas não apenas da perspectiva de futuro, mas também do seu próprio passado. A memória histórica é, portanto, um dos terrenos fundamentais nos quais se desenvolve a luta ideológica de classe.

Domenico Losurdo

^{*} Professor Adjunto do Departamento de História da UFSM, Doutor em História Social do Trabalho pela Unicamp, pesquisador de movimentos sociais e políticos no Brasil e no Rio Grande do Sul republicanos.

^{**} Historiadora e arquivista, professora substituta do Departamento de História da UFSM, Doutora em História Social do Trabalho pela Unicamp.

^{***} Acadêmico do curso de História – Licenciatura e Bacharelado da UFSM, bolsista de Iniciação Científica da Fapergs.

¹ Este artigo é, em boa parte, uma síntese das opiniões expostas pelos autores em dois eventos: o Debate “Os 90 Anos da Revolução Russa”, apresentado no Projeto Cultura na SEDUFMS, em 8 de outubro de 2007, em Santa Maria - RS; a mesa-redonda “Impactos da Revolução Russa”, em 11 de outubro de 2007, durante a IV Jornada do GT Mundos do Trabalho - RS: A pesquisa do trabalho; os 90 anos da Revolução Russa e do Ciclo de Greves Gerais de 1917 no Brasil, ocorrido na UFPEL, em Pelotas - RS.

Um dos maiores discursos inventados do século XX é o de que a chamada “Guerra Fria” iniciou após o final da Segunda Guerra Mundial. Seu significado traduz o que grande parte da intelectualidade e da mídia tem reproduzido até os dias atuais, ou seja, que uma espécie de “guerra” suja acontecia entre os Estados Unidos e a União Soviética em torno da partilha do mundo pós-1945. Raramente a “Guerra Fria” aparece como a síntese ideológica da luta de classes do capital contra o trabalho.

Na verdade, o que a visão conservadora e despolitizada, traduzida como “Guerra Fria” sempre escondeu foi uma estratégia sutil de anticomunismo presente desde o século XIX, após o surgimento do marxismo, aprofundada depois da Comuna de Paris e absolutizada com a vitória da Revolução Soviética. A burguesia mundial nunca tolerou o proletariado e os trabalhadores no poder.² Noventa anos após é interessante perceber esse processo, sobretudo por meio da imprensa da época da Revolução Soviética, tendo como eixo o anticomunismo em nosso país, no Rio Grande do Sul e em Santa Maria.³

Os impactos da Revolução Soviética no Brasil

Mesmo com informações desencontradas, os reflexos da Revolução Soviética de 1917 foram contundentes no território brasileiro, assim como

foram em todo o Ocidente,⁴ sobretudo nos movimentos sociopolíticos de oposição à república liberal iniciada em 1889.

Numa sociedade de influências seculares de escravidão, em processo de recente transição para o capitalismo e para a República, num quadro de industrialização, urbanização e emergência do proletariado – este já submetido a altas taxas de exploração – formavam-se sindicatos e partidos que se organizavam e combatiam o sistema então vigente, mesmo que com formas diferenciadas e incipientes de organização. Os ideais socialistas e anarquistas estavam presentes, ao passo que o marxismo, diferentemente de vários países da América Latina,⁵ como Argentina, Cuba e México, ainda era uma “idéia fora do lugar” no Brasil.

Até 1917, a hegemonia dos movimentos sociais dava-se em torno das associações mutualistas, de socorros mútuos e beneficentes, as quais mesclavam concepções republicanas, liberais, cientificistas e vagamente libertárias e socialistas. Desde 1890, partidos socialistas foram criados em São Paulo e Porto Alegre, paralelos a um ciclo grevista que duraria, nessa fase, até 1929, todos marcados por lutas sociais da classe operária e outros movimentos, especialmente por melhores salários e condições de vida. Nesse processo, os segmentos populares ampliaram a disputa por meios de consumo cole-

tivos, moradia, legislações e normatizações pelo Estado, acesso à terra, educação formal e a outras conquistas, todas matizadas nas novas ideologias que circulavam no país, tanto de origem externa como a partir de leituras e condições internas.⁶

Organizados em diversos tipos de organizações, os trabalhadores e a pequena burguesia construíram suas greves e seus movimentos, mesmo que o Estado e as classes dominantes, basicamente alicerçados no poder econômico do latifúndio agrário-exportador, tratassem a questão social como caso de polícia, infligindo poderosa repressão àqueles que não aceitavam tal dominação, especialmente setores pobres e oprimidos das cidades. Entre tantas reações à exploração – refletidas no II Congresso Socialista de 1902, nas primeiras manifestações públicas de 1º de Maio, na Revolta da Vacina de 1904, na fundação das diversas federações operárias nos estados, na Revolta dos Marinheiros de 1910, na Revolta no Contestado em 1912, nos vários movimentos contra o desemprego e a carestia de vida, a constituição da Confederação Operária Brasileira de 1913 – o resultado foi o acúmulo de consciência e organização dos trabalhadores.

Essas reações, em essência, desembocaram e refletiram nas consequências sociais da Primeira Guerra Mundial, num processo marcado pelo arrocho salarial, pela escassez dos pos-

tos de trabalho, pela queda acentuada da produção agrícola e industrial e pelo aumento da taxa de exploração do trabalho; assim, o ônus do conflito incidiu especialmente sobre os assalariados e os desempregados.⁷ Esse quadro de guerra, como afirmam Jvostov e Zubok,

caiu com todo o peso de suas calamidades sobre a classe operária. As represões policiais, a fome, o frio, as privações de toda espécie, as iniquidades, o reforçamento por parte da burguesia, da exploração de que era objeto e o tributo de sangue, tudo isso teve que sofrer o proletariado dos países beligerantes. Milhares de operários foram enviados às frentes de batalha, apesar de que começou em 1914 o desemprego em quase todos os países. Esse desemprego, entretanto, foi depressa substituído por uma aguda escassez de braços. Os salários, porém, estavam duas ou três vezes mais abaixo dos artigos de alimentação e de amplo consumo. Como resultado da carestia em ascensão ininterrupta, o nível de vida dos trabalhadores se reduziu de maneira sensível [...]. Conquistas da classe operária, tais como o direito de greve, limitação da exploração do trabalho das mulheres, foram abolidas. A jornada de trabalho foi prolongada até onze e doze horas diárias, o descanso dominical foi suprimido.⁸

Assim, chegamos ao ano de 1917, marcado pelos desdobramentos socioeconômicos da Guerra Mundial, pela influência da Revolução Soviética e pelas greves gerais. No caso da Revolução Soviética, os trabalhadores e os setores médios brasileiros, mesmo com poucas

informações ou ataques diretos ao que acontecia na Rússia, ficavam sabendo das transformações que se operavam naquele país europeu.

Após a expectativa da revolução democrático-burguesa de fevereiro de 1917, quando foi derrotado o governo czarista, com o apoio de operários e soldados, deu-se o fracasso do governo liderado por Kerenski. Este governo era uma ampla coalizão de partidos que representavam os interesses da burguesia e de setores do latifúndio, apoiados pelos mencheviques e pelos socialistas revolucionários. Até o seu fim não conseguiu impedir os reflexos da guerra imperialista na qual a Rússia estava envolvida diretamente e abriu um período de ditadura de caráter burguesa, especialmente contra os movimentos sociais e políticos que reivindicavam mudanças mais profundas para a Rússia.



Figura 1 - “Jornadas de julho” (4/7/17): corpos na Avenida Nevsky após a repressão

Com o fortalecimento político do partido bolchevique, o Partido Operário Social Democrata Russo e futuro Partido Comunista da União Soviética, e a constituição dos sovietes, o germe do novo poder revolucionário, já experimentado na Revolução de 1905, constituiu-se, paralelamente ao governo provisório, um executivo baseado nos operários e camponeses. Estabeleceu-se, então, a dualidade de poder após fevereiro, o começo da luta pela revolução socialista. Chegava a hora de a consigna “Todo o poder aos sovietes!”, lançada por Lênin em abril, ganhar apoio de massa.

Assim, em 25 de outubro, ou 7 de novembro no novo calendário, o proletariado russo, com o apoio de soldados e marinheiros e em aliança com os camponeses, sob a liderança do partido bolchevique e de Vladimir Lênin, chegou ao poder de Estado e instaurou o novo governo soviético e socialista.



Figura 2 - Lênin discursa na Praça Vermelha após a vitória da revolução

Entre as primeiras ações da Revolução Soviética foram iniciadas as negociações pela paz diante do conflito mundial, fundamental para a consolidação do novo poder, ocorrida pelo Acordo de Brest-Litovsk e assinada com a Alemanha. O lema “pão, paz, terra e liberdade”, palavras de ordem levantadas pelos bolcheviques, ganhou o apoio popular, referendou a reforma agrária antilatifúndio e possibilitou a retomada da produção agroindustrial, mesmo que o fim da guerra não tenha resultado em paz interna, pois a guerra civil, ao menos até 1921 – quando foi decretada a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas –, continuou assolando a Rússia.

Em São Paulo, Rio de Janeiro, Santos, Porto Alegre, Santa Maria e tantas outras cidades brasileiras, os trabalhadores, a militância e diversas outras categorias aprofundaram seus movimentos no sentido da resistência. A redução da jornada para 8 horas de trabalho, o aumento dos salários de pauperados pela guerra, a diminuição dos preços dos aluguéis, as melhorias gerais de condições de trabalho e moradia, a normatização do trabalho feminino e infantil, obviamente influenciado pelos sucessos iniciais da Revolução Soviética, marcaram o 1917 e colocaram o ano em outro patamar social e político. E, mesmo que a repressão tenha derrotado a Greve Geral

de 1917,⁹ as marcas deste movimento voltariam a se manifestar nas greves de 1919, bem como em diversos outros movimentos da história dos trabalhadores brasileiros.



Figura 3 - Em 1917 uma greve geral paralisou muitas fábricas no Brasil. Na foto, o enterro de Antônio Martinez, operário e grevista morto em choque com a polícia

Não foi diferente com a Revolução Soviética, pois em 1919 criou-se o Partido Comunista-Anarquista no Rio de Janeiro e, no mês de junho, o primeiro Partido Comunista do Brasil. Mesmo que de durações efêmeras, foram importantes germes da iniciativa dos militantes anarco-sindicalistas que organizariam o Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1922, adotando a doutrina marxista, pois, após 1917, organizavam manifestações e greves de solidariedade à Rússia Soviética.

Por outro lado, logo após a Revolução de Outubro, ainda em 1917, as grandes agências de notícias divul-

gavam comunicados uníssonos para o mundo sobre “o que se passava na Rússia Soviética”. No Brasil, a imprensa liberal divulgava-os ou abordava-os no mesmo tom em seus editoriais, baseados em falsidades e mentiras. Como já foi demonstrado em obra clássica, “o Brasil acompanhou a queda do Czar e a deposição de Kerenski com a retina de Havas, United Press e outras agências internacionais. A imagem da revolução russa, que projetavam era a imagem que as altas finanças de New York, Londres e Paris dela faziam”.¹⁰

Nelas, as barricadas de Viborg, o bairro proletário de Petrogrado, as greves e as manifestações de rua, como a do Dia Internacional da Mulher, não haviam inaugurado a Revolução de Fevereiro nem derrubado Nicolau II, que teria abdicado do trono em nome de seu irmão Miguel ou de seu filho Aléxis. Estrategicamente, tirava-se o papel político da luta de classes naquele processo, apagava-se da história a aliança de operários e soldados, eliminava-se a liderança dos bolcheviques na conjuntura. Augusto Buonicore demonstra como essa leitura conservadora era apresentada no Brasil:

No Brasil, entre fevereiro e outubro de 1917, os primeiros sinais das graves desavenças futuras podiam ser observados nas interpretações dadas em relação aos fatos e principais personagens da revolução ainda em curso. Kerenski – o chefe social-revolucionário de direita que participou desde o

primeiro governo provisório –, pouco a pouco, foi se tornando o ídolo dos nossos republicanos burgueses. Estes o chamavam de Danton russo e herói da Nova Rússia democrática. A burguesia e os setores oligárquicos nada entenderam dos reais motivos que levaram àquele grande movimento revolucionário. Chegaram mesmo a afirmar que se tratava de uma rebelião contra as vacilações do tzarismo em relação a continuidade de sua participação na guerra imperialista. Ela teria sido a afirmação do espírito patriótico do povo russo, interessado em levar a guerra até o final sem nenhum acordo com a Alemanha. Assim, segundo eles, a queda do Tzar havia liberado energias para que o país continuasse no conflito mundial ao lado dos seus aliados da Entente, capitaneada pela Inglaterra, França e Estados Unidos.¹¹

Em várias notícias que visavam à cizânia e ao descrédito sobre o que acontecia na Rússia, o escritor Máximo Gorki era apresentado como o verdadeiro líder do movimento e inimigo de Lênin;¹² este era colocado como um agente e espião do imperialismo alemão (após 1920 passou a ser chamado de “ditador russo”), ao passo que os bolcheviques estariam a serviço da Alemanha beligerante; ao mesmo tempo, ao menos enquanto duravam a guerra civil e o cerco dos exércitos brancos ao poder soviético, a derrota dos bolcheviques era iminente a cada dia, enquanto a Rússia era qualificada como o reino do terror e da anarquia, pois o Conselho dos Operários e Soldados, os sovietes, uma “idéia diabólica” de Lênin,

destruía a disciplina e desorganizava a sociedade; as medidas socialistas, as reformas do novo governo proletário e as conquistas como a reforma agrária e a redistribuição de terras, o trabalho de 8 horas, a paz na guerra e as vitórias contra o cerco das potências imperialistas, etc., eram identificadas como um ataque à família e à propriedade privada.¹³

No entanto, eram os apoiadores locais os mais visados do discurso de direita. Os anarquistas e os maximalistas, simpáticos ao que acontecia na Rússia, eram denunciados como agentes estrangeiros que queriam fazer do Brasil uma Rússia bolchevista. O “perigo vermelho” ganhava espaço no imaginário conservador. Após 1917, os reflexos da crise econômico-social da Primeira Guerra nas grandes greves não eram considerados e os impactos positivos da Revolução Soviética no movimento operário brasileiro eram vistos como “uma ameaça à civilização”, dirigida “por uma das mais terríveis associações revolucionárias de Moscou”. O caráter de classe e burguês do contra-ataque à Rússia Soviética era evidente, identificando a libertação do proletariado do jugo czarista e burguês, desde o primeiro momento, como uma das “maiores tragédias da história”. As lideranças locais, os anarquistas e socialistas e, sobretudo, os comunistas passaram a ser identificados como “maus elementos” ou “extremistas”.

Estava dado o acirramento da luta de classes do período republicano brasileiros, colocando em lados opostos os segmentos sociais básicos da sociedade capitalista: o proletariado e a burguesia. As greves e a Revolução Soviética de 1917 representaram o alfa-ômega desse quadro. Como afirma Marly Vianna:

É compreensível que assim seja. A Revolução Russa foi a primeira grande revolução proletária do mundo. Foi o primeiro acontecimento mundial a mostrar que o capitalismo não é o fim da história, que é possível constituir uma sociedade sem que um grupo humano explore outro, uma sociedade solidária para além de suas fronteiras nacionais. Essa é uma visão de mundo que a Revolução Russa concretizou e, por ter sido tão radical em sua transformação da sociedade capitalista, é natural que polarize opiniões: de um lado, como disse Marx, os que nada tinham a perder e todo um mundo a ganhar; de outro, aqueles que defendiam sua sobrevivência enquanto classe. Inevitável polarização, de idéias e de atitudes.¹⁴

Os impactos da Revolução Soviética no Rio Grande do Sul

Segundo o censo da época, o Rio Grande do Sul concentrava cerca de 8,3% do proletariado brasileiro, o terceiro índice nacional, enquanto 52% dos trabalhadores atuavam em indústrias com mais de cem operários.¹⁵

Como já demonstrou Silvia Petersen, no final da década a sociedade gaúcha vivia amplamente os efeitos da Primeira Guerra Mundial, sobretudo a partir de 1917, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha. O resultado desse quadro foi o aumento de manifestações operárias antibelicistas e a agudização do descontentamento dos setores assalariados com suas condições de vida e de trabalho e pela escassez e aumento de preços dos produtos alimentícios básicos. A onda grevista que emergiu em todo o Brasil marcou 1917 entre os gaúchos e estendeu-se pelos de 1918 a 1920, transformando as lideranças do movimento operário, bem como a posição da Federação Operária do Rio Grande do Sul (Forgs), na política do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) em relação aos trabalhadores.¹⁶

No caso do governo gaúcho, tendo Borges de Medeiros à frente, isso não significava um apoio deste às lutas operárias, nem a condescendência com as suas formas diversas de resistência; ao contrário, a repressão e a concepção de que a questão social era um caso de polícia permeavam as ações políticas do governo estadual. Como explica Sandra Pesavento, na greve geral de 1917, no Rio Grande do Sul, e na greve dos ferroviários de Santa Maria, no mesmo ano, o governo de Borges mesclava uma repressão contida (patrulhamento

ostensivo para segurança nas fábricas, garantia de trabalho aos não grevistas) com medidas paternalistas e ideológicas. Isso não pode ser confundido com uma postura pró-operária ou trabalhista, mas seguia as práticas positivistas de “incorporação do proletariado à sociedade moderna”. Dessa forma, o governo atuava em comum acordo com os empresários (principalmente a burguesia industrial), garantindo a livre negociação e intervindo quando o conflito ameaçava extrapolar os limites de “controle” dos patrões e perturbar a ordem pública. Porém, no decorrer dos anos seguintes, com o aumento do número de greves, o governo de Borges aumentou a sua ação repressora.¹⁷ Aliás, para Sílvia Petersen, a partir das greves gerais, em 1917, no Rio Grande do Sul, o regime passou a reprimir “mais fortemente as greves do que as organizações da classe operária”.¹⁸

Quanto às greves gerais de 1917, que iniciaram por Porto Alegre e se estenderam por vários municípios, especialmente Pelotas, Rio Grande e Santa Maria, foram marcadas pela tradição libertária e anarquista. Mesmo que a maioria do movimento operário, inclusive a direção da Forgs daquele momento, que tinha razoável participação de militância pró-governista, não seguia esta tradição política. Evandro Couto sintetiza essas características citando Anderson Correa:

Muitas das várias entidades do movimento operário brasileiro do período: os sindicatos por ramos e ofícios, as ligas e uniões operárias, as federações estaduais, a Confederação Operária Brasileira (fundada em 1906) estavam sob forte influência dos anarquistas. Implementavam um sindicalismo revolucionário na maioria das entidades que tinham condições de estabelecer hegemonia política: preconizavam a independência de classe em relação à agenda burguesa e aos patrões. Seus métodos eram os da ação direta e a greve geral com propósitos revolucionários, orientados a um objetivo de construção de uma nova sociedade socialista e libertária, ou como eles diziam na época: comunismo libertário (anarquista).

Nesta produção do sujeito das mudanças sociais que se reclamava “os militantes operários buscavam abarcar todos os espaços possíveis do cotidiano da família proletária. Além do companheirismo nos locais de trabalho, de passarem as mesmas dificuldades, sofrerem juntos os mesmos problemas: salários baixos, jornadas cansativas e insalubridades os militantes operários proporcionavam através dos sindicatos, centros de cultura social, escolas e universidades populares, jornais, teatros, piqueniques, em fim, várias oportunidades de cultura, lazer e luta. Assim construía uma “cultura de classe” e identidade de luta permanente. No Rio Grande do Sul muitos dos militantes de 1917 foram “formados” nas escolas racionalistas mantidas pelos militantes libertários.¹⁹



Figura 4 - A greve de 1917 em Porto Alegre

São inegáveis as influências das perspectivas anarquistas nas greves de 1917 e nos movimentos sociais e políticos do Rio Grande do Sul de então. Contudo, nem as próprias classes dominantes gaúchas negavam as influências européias nessa conjuntura. Sílvia Petersen nos mostra que nos editoriais do *Correio do Povo*, o periódico de maior circulação no estado, a “agitação” ia além dos reflexos ou da solidariedade a movimentos similares em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Para este órgão da imprensa, como escreve a autora, os acontecimentos europeus eram um “forte fator no deflagrar deste clima propício às greves”.²⁰

E nesse *clima*, a Revolução Soviética tinha seu papel inquestionável, tanto que, aos poucos, iniciou-se um processo de diferenciação dentro dos próprios movimentos anarquistas, onde se fortaleceram as posições anarco-bolchevistas. Para Sílvia Petersen e Maria Elizabeth Lucas, “se

a conjuntura do pós-guerra criou condições para a eclosão de uma cadeia de greves, ela vai trazer divergências ideológicas que nos anos seguintes irão provocar a grande cisão no movimento operário, resultando na fundação do Partido Comunista em 1922”. Todavia, a Revolução Soviética refletiu de forma complexa no Rio Grande do Sul. Para as autoras, “esta não determinou de imediato alterações significativas na organização do operariado gaúcho, pois a Revolução de Outubro fora a princípio considerada como o triunfo tão longamente esperado da Anarquia. Deste entendimento inicial é que surgem novos núcleos anarquistas empregando o vocábulo ‘comunista’ na sua denominação”.²¹

Como nos mostra Raul Carrion, logo após a Revolução Soviética, em 1918, aos 28 anos de idade, Santos Soares fundou e se colocou à frente da Liga Comunista de Livramento. Para o autor, esta foi a primeira organização comunista do Rio Grande do Sul, a qual se manteve até a fundação do PCB, em 1922, chegando a publicar um jornal, que efetivamente circulou em vários números; sua sede foi assaltada diversas vezes pela polícia. O historiador resume a atuação da Liga Comunista e sua influência no surgimento de outras organizações:

promovia com maior intensidade a leitura do escasso material revolucionário obtido através da fronteira com o Uruguai. [...] animava a chama da solidariedade à União Soviética. [...] A fundação da liga Comunista de Santana do Livramento não foi um fato isolado. Com pequena diferença de tempo, surgem organizações semelhantes em diversos pontos. Funda-se um centro em Passo Fundo. Os trabalhadores de Porto Alegre editam o Manifesto Comunista de Marx e Engels. Os trabalhadores de Rio Grande inscrevem na fachada da União Operária o lema “Operários de todos os países uni-vos” [...] A atuação de Santos Soares está na própria raiz da organização do partido comunista no Rio Grande do Sul.”

Em 1921, Santos Soares “funda o Centro Socialista de sua cidade, já plenamente alinhado com a Revolução Russa. Não é mais um “comunista libertário”.²²

Outra influência importante da Revolução Soviética no Rio Grande do Sul se deu sobre o militante sindical Abílio de Nequete, futuro fundador do PCB. Raul Carrion resume a sua participação:

Em novembro de 1918, Abílio de Nequete – um dos dirigentes da greve geral de 1917, em Porto Alegre – lança o “Manifesto da ‘União Maximalista’ aos operários”, [...], referenciada na Revolução Russa e formada por Abílio Nequete, Francisco Merino e Otávio Hengist. Nesse “Manifesto” afirmava-se, entre outras coisas: [...] Tende em mira o impulso “maximalista” bastando ali a vontade dos operários e soldados, para pôr por terra não só a secular tirania

dos Romanovs como também a seu satélite a Democracia Kerenskina. [...] o maximalismo é triunfante na Rússia e, segundo as últimas informações, já está invadindo os impérios centrais, começando pela Bulgária, já bate no trono dos Hohenzollern [...] estejais pois alertas, porque ele há de vir até cá [...] muito breve talvez, a despeito de todos os arreganhos.²³

Por outro lado, e seguindo a linha nacional, os setores tradicionais da imprensa gaúcha, com base nas concepções liberais e conservadoras, seguiam a mesma tônica de desqualificação e combate à Revolução Soviética. Entre os principais periódicos estavam *A Federação*, órgão oficial do PRR, e o *Correio do Povo*, não muito distinto do primeiro, mas fortemente ligado às classes proprietárias e industriais, do campo e da cidade, do Rio Grande do Sul.

Desde os primeiros momentos da Revolução Soviética, esses jornais apresentavam, fosse em seus editoriais, fosse por meio de textos de opinião, artigos que desqualificavam os sucessos dos bolcheviques, sempre apresentando a iminência do fracasso da Revolução Socialista. No período em que a Tríplice Entente e seus aliados brancos procuravam derrotar o poder soviético, durante a guerra civil, as matérias e manifestações eram recorrentes no sentido da derrota do proletariado russo. Assim, demonstravam ora uma invisível preocupação com os

reflexos da Revolução Soviética no Rio Grande do Sul, ora uma crítica aberta e direta. Em editorial de *A Federação*, chamado “A ilusão socialista”, a imprensa republicana mostrava o tom de sua visão sobre o que acontecia na Rússia após a chegada dos bolcheviques ao poder:

Por toda parte do mundo, a agitação operária, temível e assustadora, obtém dos governos conquistados as mais liberais.

E a opinião pública, sobressaltada, aceita já como certo e inevitável o início da era socialista.

Difunde-se, até entre os espíritos mais conservadores, a crença de que realmente chegou a hora de reinado das massas operárias.

E estas, dominadas pelo pecado do orgulho, redobram a sua audácia nas suas investidas contra a organização social do mundo atual [...].

Afirmaram-lhe que lhe estava reservado o domínio do mundo pela força do seu número. E ele acreditou.

Falaram-lhe em luta de classes e atiraram-lhe contra a ordem social estabelecida.

De posse da força, o operariado não soube o que fazer com ela...²⁴

Na continuidade do editorial aparecem os objetivos centrais de *A Federação*, dentro da máxima comtista de incorporação do proletariado à sociedade industrial, numa nítida defesa da harmonização social. Por isso, a contraposição teórica ao marxismo aparece na defesa de uma *moral* anti-materialista, argumentando que seria insuficiente para os trabalhadores as

conquistas materiais e econômicas defendidas desde Marx.

Em 18 de agosto de 1818, o *Correio do Povo* publicou em sua primeira página um artigo extenso de João Grave, publicizado inicialmente em Porto, Portugal, em 14 de junho do mesmo ano. Ali, no contexto das greves que agitavam Porto Alegre, o autor buscava na Rússia soviética os seus argumentos para atacar o exemplo do novo poder dos trabalhadores:

[...] Não! Não julguem os eternos reivindicadores que imitando a Rússia se emanciparão. Pelo contrário, mais intensificarão a sua miséria e o seu infortúnio. Para que uma revolução à maneira da Rússia fosse a grande libertadora, seria preciso que as bases sociais se transformassem conjuntamente e que a humanidade tivesse uma educação bem diferente da que tem e que apenas poderá atingir-se por sucessivas acumulações de hereditariedade. Por enquanto, capital e trabalho são dois aliados que se completam exercendo uma função maravilhosa e reguladora. Eliminar um, será fatalmente mudar o outro.²⁵

Marcado pela orientação positivista, referendado pela República Borgista, a harmonia social como forma evolutiva de “melhoria da humanidade”, colocando em pé de igualdade os proprietários e os trabalhadores, eis a marca do artigo de João Grave. Sua posição anti-soviética, levantando a “decomposição da ordem social” e a “audácia” do proletariado russo, se-

ria reforçada em vários outros artigos publicados entre 1918 e 1919. Para o autor, uma vitória do bolchevismo na Europa seria um retrocesso dos “domínios claros da inteligência, da arte e da perfeição espiritual da humanidade”.²⁶

Os impactos da Revolução Soviética em Santa Maria

Santa Maria, na região central do estado do Rio Grande do Sul, tratava-se, nos princípios do século XX, de uma cidade com grande origem imigrante – especialmente de alemães, italianos e portugueses. Além disso, era um município majoritariamente agrícola, mesmo que apresentando um comércio em grande desenvolvimento, em razão, especialmente, da ferrovia, cujo entroncamento no município era o principal do estado.²⁷ Para se ter uma idéia desse quadro, o município contava em 1920 com 52 777 habitantes, dos quais apenas 2 905 viviam na cidade; a cidade contava com 387 casas comerciais, 27 agências comerciais e um número significativo de pequenas fábricas.

Dado seu caráter socioeconômico, já se pode ter uma idéia de seu caráter conservador, o que fica muito claro com as considerações a seguir. Num município com esse perfil, o impacto exercido pela Revolução Soviética teve tanto um caráter comum em relação ao conjunto do estado do Rio Grande

do Sul e do Brasil quanto um elemento muito peculiar de sua formação. Em termos gerais, o imenso reflexo exercido pelo processo mais significativo do século XX, a Revolução Socialista na Rússia, em Santa Maria, como uma cidade em expansão e de forte circulação em função da ferrovia, não poderia deixar de ser significativo. Assim, o que acontecia na Rússia dividia espaço na imprensa local com a repercussão da Primeira Guerra Mundial.²⁸

Duas grandes características tomadas pelo impacto da Revolução em Santa Maria são flagrantes. A primeira, partilhada pelo conjunto da imprensa brasileira, trata-se de uma grande valorização de notícias negativas, como a iminência da derrota, apontada em todo o período, além das constantes acusações políticas, oriundas da preocupação sistemática com uma grande conspiração comunista global com tentáculos no Brasil. A esta primeira observação pode ser acrescentada uma relativa falta de informações e, além disso, uma enorme e gritante confusão entre os chamados “maximalistas”, “bolcheviques”, comunistas, socialistas, anarquistas, demonstrando o desconhecimento do conjunto da imprensa brasileira, considerando que as notícias internacionais veiculadas pelo *Diário do Interior* eram abastecidas pelas redações de outros jornais de maior porte, a respeito do processo revolucionário russo e de seu caráter

político e, principalmente, do seu objetivo socialista.²⁹

Há, por conseguinte, uma grande tendência do jornal em afirmar a iminente derrocada do “regime maximalista” desde outubro de 1917 até 1920, quando a revolução passou a ser levada a sério e Lenine tornou-se o “célebre ditador russo”.

A segunda grande característica dessa repercussão é muito peculiar, pelo menos considerando os estudos disponíveis até agora, ao município de Santa Maria: refere-se a uma imensa preocupação com a questão da família e da moralidade. A esta se somam as preocupações com a propriedade privada, com a ordem, etc. As referências à socialização das mulheres, à dissolução da família, a indivíduos identificados por números, a feriados para procriação ou mulheres pertencentes ao Estado são constantes, embora absurdas, típicas de uma cultura paternalista, machista e moralista como a patriarcal sociedade santa-mariense no início do século XX.

Em torno desses dois eixos principais se trama o conjunto da repercussão da Revolução Soviética em Santa Maria. Não é demais salientar que anarquia, balbúrdia e outros termos pejorativos são constantes, como era de se esperar. Havia constante e majoritária propaganda anti-revolucionária e posições inverídicas, com uma

forte oposição do jornal em relação à revolução. Entretanto, as veiculações são mais repercussões externas que chegam ao jornal, via telégrafo, do que manifestações internas, e podem ser vistas muito limitadamente por pessoas de considerável relevância social. Isso significa que trabalhadores não tinham vez nem voz neste jornal.

Desde o princípio da revolução socialista já se podem perceber as cores que a sua repercussão na cidade vai tomar e como a elite conservadora irá assimilá-la. No dia 22 de novembro de 1917, após uma série de notícias sobre as precipitações políticas russas, o *Diário* indicou com pesar a vitória leninista e a fuga de Kerenski do país. Já no dia 29 de novembro o periódico alertou com grande preocupação que os maximalistas aboliram as distinções e privilégios da nobreza e ordenaram a entrega das propriedades das corporações, dos nobres, dos negociantes e dos burgueses ao Estado.³⁰ No mesmo dia, além de dar ênfase à nota veiculada pelo “Comitê de Salvação da República Russa” contra os “bolcheviques”, solicitando ajuda dos exércitos aliados, o jornal veiculou um artigo escrito por um santa-mariense chamado Antenor Moraes e que se trata de uma apologia, ou, mais adequadamente, de uma ode a Kerenski, governante liberal russo deposto pela revolução socialista.

Com o nome de “Viva Kerenski!”, o autor sugeriu que o povo russo não

estava a altura de seu governante. A velha máxima liberal de que o problema é o povo inculto e ingrato, que não sabe escolher o que é melhor para si, dava a tônica da opinião. O artigo apresentava o herói, salvador da pátria, incompreendido e traído pelo povo, que não saberia o que é melhor para si, pois preferira os socialistas maus. A reprodução abaixo marca o tom dado pelo articulista:

Houve, outrora, um país grande e forte, com quase 200 milhões de habitantes e que, pelo seu poder numérico, era temido por toda a Europa, que já acreditava na vitória da hegemonia Slava. Esse país chamava-se Rússia e chama-se agora – Terra de Kerenski.

Kerenski é um homem, a Rússia uma vasta extensão de terra – o maior país da Europa. E terra e homem, gleba e carne, humor e sangue, calor e idéias, foram sacudidos por um cataclisma. Um cyclone varreu a antiga Rússia e n’esta extensão de terras só ficou uma palavra e um nome – Kerensk. A Nação fulminou-o porque a Nação ainda não nascera para o homem. Kerenski avançou séculos, a Rússia retrocedeu milênios. Ergue o pedestal de teu herói no sepulcro de tua ossada e, como esposa cynica, resa enlutado aos pés do esposo que não soube amar.

E na terra de kerenski, essa Rússia fria, seu amor, quando acordar desse entorpecimento mental quando olhar o céu e fitar o sol, “hade”, repito escrever o nome imortal do seu maior herói, abandonado pelos seus irmãos, no momento em que o mundo o amparava com o seu amor, pelo seu direito, pela sua liberdade e pela defesa de sua pró-

pria pátria. Assim como a cabeceira de cadáveres cristãos, coloca-se a imagem de Cristo para que a ampare as portas do céu. Sobre o cadáver frio da Rússia, de pé, iluminado e grande, está afigura de Kerenski para perpetuar a História, os restos são energias um roço, condenados todos, no corpo, dentro de um predestinado que terá por glória o amor do mundo e a gratidão da Rússia quando ela perceber que a vitória do ideal estava todo ali naquele cérebro de Minerva, e naquele coração de Tales, maior que todo seu território.

E o homem pigmeu, calçando sob os seus pés, o maior país da Europa, torna-se tão grande que o mundo não pode contê-lo nos nossos corações, nem os nossos corações podem contê-lo sem que uma força estranha faça sair pela menor boca um grito vibrante como o de entusiasmo por uma vitória – Viva Kerenski!³¹

No mesmo sentido, poucos dias depois, em 30 de novembro, veiculou-se uma entrevista com um “desertor russo”, não nominado, e que guarda o mesmo sentido político da ode a Kerenski. Nele, o povo ignorante é o que apóia os socialistas. O diferencial é que este é mais claro e conta com uma novidade:

A maioria dos democratas russos é anti-maximalista. Lenine apoderou-se do governo apoiado nas massas populares russas que permanecem na mais ignominia ignorância. O Governo foi complacente, deveria ter reprimido e executado os agitadores, acabado com as liberdades, etc.³²

Eis a tônica: os “democratas” são antimaximalistas. Porém, logo surge a

contradição, quando o desertor clama pela repressão, execução e pelo fim das liberdades, por meio de argumento retórico, elitista e salvacionista. São os “democratas russos” os defensores do fim das liberdades e da execução dos revolucionários soviéticos que vão fazer a oposição aos socialistas russos e chamá-los de ditadores, um profundo paradoxo.³³

Que interesse maior residiria na Revolução Soviética que despertasse o ódio visceral dos liberais, entre outros? Seria seu caráter classista? Referência em edição do mesmo dia, 30 de novembro, pode dar algumas direções. Segundo as notícias, na Rússia não havia respeito pela vida e pela propriedade privada, ressaltando-se o desrespeito pela decretação da moratória internacional e a suposta falta de autoridade de Lenine, o que evidenciava a derrocada do regime maximalista.

Contraditoriamente, no mesmo dia 30 de novembro veiculou-se outro telegrama completamente diferente:

A situação está mais sólida, as sabotagens diminuem, o banco do Estado se submeteu e o abastecimento do país está sendo restabelecido. Os conselhos locais estão restabelecendo a ordem e a comunicação do centro com as cidades. As eleições da assembleia constituinte começaram, o conselho da guarnição de Petrogrado declarou-se inteiramente favorável aos bolcheviques. Iniciam as negociações de paz com os Impérios Centrais.

O que significaria essa opinião do periódico? Considerando a forte oposição do jornal à revolução e a constante defesa da eminência da derrota do novo governo, sem que isso acontecesse de fato, pode-se aferir que, apesar das perfídias midiáticas e oposicionistas, a situação estava realmente mais sólida para os socialistas. Depois disso, a ênfase recairia nas negociações de paz entre a Rússia e os chamados “Impérios Centrais”. Talvez seja este um artifício para mascarar os avanços e sucessos dos comunistas na guerra civil e no exercício do novo governo.

Destarte, durante o período abordado seriam constantes as referências negativas à Rússia e a caracterização da revolução como “anarquia” ou atentado a uma suposta democracia, como visto acima, e a crença na iminente derrota. Assim, em 23 de janeiro de 1918 o *Diário* veiculou: “Fome na Rússia”: população estaria sem abastecimento, com saques e desordens. Seguindo, em 29 de janeiro de 1918, questiona-se: “Rússia “anarquizada”: qual o destino da infeliz nação?” As referências a revoltas, contra-revoluções e derrotas maximalistas são numerosas e cotidianas; freqüentemente se proclama a guerra contra o socialismo na Rússia, que estaria ameaçando o mundo.

Outro ponto merece atenção. Em 17 de outubro de 1919, o *Diário do Interior* divulga “os dados do livro branco inglês sobre o bolchevismo”, o qual

traria dados importantes e terríveis. Segundo o livro, no plano econômico a produção industrial estava em franca decadência, citando alguns dados, e tudo mais estaria diminuindo nessa proporção. O mais interessante, contudo, são os relatos de supostas crueldades atribuídas aos russos. Em Moscou, milhares de pessoas teriam sido fuziladas ou enforcadas, informação caracterizada a partir de uma “crueldade essencial dos russos”, tratados como maus por natureza. A referência a seguir expressa esse conteúdo:

As execuções foram feitas de maneira terrível: as vítimas, reunidas em grupos nas primeiras horas do dia, conduzidas aos arredores da cidade depois de inteiramente despedidas, o carrasco lhes amarrava a corda no pescoço, e pouco a pouco ia fazendo a suspensão para que o sofrimento fosse maior e mais edificante. Os carrascos foram escolhidos entre os monges, conhecidos por suas crueldades. Muitas vítimas foram enterradas ainda com vida. Os representantes do governo esthoriano, declararam em Estocolmo que cento e cinquenta soldados russos, feitos prisioneiros em Pskof pelos guardas vermelhos, foram entregues aos referidos soldados, sendo serrados aos pedaços, ora uma perna, ora um braço e assim por diante.

Parece desnecessário abordar tais afirmações, que tentam criar vilões cruéis e sem piedade perante mocinhos martirizados. As execuções teriam sido constantes e inúmeras; os exércitos contra-revolucionários eram

apresentados como os exércitos rusos do bem, lutando para reimplantar a democracia, contra os maximalistas cruéis, traidores, entre outros adjetivos desses calões.

Por final, cabe abordar um aspecto interessante sobre a visão da sociedade santa-mariense em relação à Revolução Soviética, que até o presente momento ainda não foi abordada nem mencionada em outros trabalhos. Trata-se da grande preocupação com a família, com as supostas socializações das mulheres e com as supostas formas de infringir a moral cristã, preocupações dignas de uma cidade com perfil rural, de forte sociabilidade oriunda da imigração e marcadamente de perfil religioso. Além dos católicos e protestantes, com hegemonia na cidade, os espíritas eram em número relevante e tinham influência social e política significativa, com organizações sólidas e presentes diariamente nos jornais em artigos de opinião e convites para reuniões, estudos, etc.

A visão conservadora sobre o socialismo russo induz a uma série de mistificações sociais que não encontram embasamento na realidade. Distorções e difamações tendenciosas são constantes em relação à organização social diferenciada dos padrões religiosos típicos de família e comportamento sexual. São essas distorções que levam o jornal a publicar, por exemplo, que o soviete de Sarato decretou a “socia-

lização das mulheres” e o “amor livre”, estabelecendo o fim da necessidade do casamento e a tutela das crianças por parte do Estado.

Em outra notícia, veiculada como “mais uma esquisitice proclamada por Lenine”, o governo teria decretado a Semana do Amor, durante a qual todas as mulheres solteiras com menos de 45 anos seriam obrigadas a contrair núpcias com qualquer homem que as quisesse; ainda, as mulheres casadas há mais de quatro anos que não tivessem filhos poderiam se divorciar e contrair novas núpcias imediatamente. São informações que não encontram correspondência na realidade, a não ser pelo reconhecimento dos direitos das mulheres e incentivos do Estado para casamentos e procriação, a fim de se recuperar das enormes perdas da guerra civil.

Com extrema preocupação, o periódico publicou uma extensa reportagem sobre o novo código russo sobre os casamentos, o qual teria acabado, absurdamente no seu entendimento, com a compreensão religiosa de que seriam uma união legal indissolúvel entre um homem e uma mulher. Isso porque este código, extremamente avançado até mesmo para os padrões da sociedade no início do século XXI, estabelecia a possibilidade do divórcio legal imediato se de comum acordo ou por meio de processo judicial de acordo com a vontade de um dos cônjuges.

O casal poderia, ainda, adotar o sobrenome de qualquer um dos noivos, ou até mesmo dos dois, acabando com predomínio do nome do homem. O código estabelecia a idade mínima para casamentos de 18 anos para homens e 16 anos para as mulheres e que divergências religiosas não seriam mais empecilho para o casamento. Entretanto, dois pontos causavam mais espanto ao jornal: primeiro, tanto homens e mulheres teriam o dever de trabalhar, inclusive a mulher teria o dever de sustentar o marido caso este não tivesse condições; segundo, o código revogou o direito à herança, de modo que apenas os filhos necessitados poderiam herdar os bens dos pais. Eram mudanças que, certamente, deixaram inquietas a sociedade machista e paternalista, por se reconhecerem os direitos e deveres da mulher não mais apenas como submissa à vontade do homem, ou rainha do lar, como desejavam os positivistas e a ideologia hegemônica da sociedade gaúcha.

Contraditoriamente, o *Diário do Interior*, tentando criticar uma suposta posse do Estado em relação às crianças, que ficariam em pensões estatais, fornecia informações valiosas e interessantes. O casamento fora facilitado, realizado gratuitamente a partir do desejo comum do casal, sem necessidade da cerimônia religiosa e sem altos custos. Os noivos ainda receberiam um enorme incentivo do Es-

tado: ao realizar o casamento, ganhavam cama, roupa de cama, quarenta jardas de linho, oitenta libras de trigo e “trem de cozinha”; também lhes eram concedidos cartões oficiais que lhes permitiam adquirir o mobiliário de que necessitassem a preço de custo. O periódico, porém, preferia assustar divulgando a superproteção do Estado, que manteria as crianças em pensões até os 16 anos.

Enfim, toda essa relevância parece conferir uma centralidade à questão da família no pensamento conservador em relação à Revolução Soviética e seus desdobramentos. O apoio aos casais por parte do Estado, a liberdade e o direito às mulheres, a possibilidade de divórcio e a laicização do casamento eram questões que preocupavam profundamente uma sociedade machista e patriarcal como a sul-rio-grandense e a santa-mariense no princípio do século XX. Eram questões que levavam a uma distorção e a exageros a fim de chocar a população e realizar, conseqüentemente, uma propaganda anticomunista fervorosa para assustar as camadas mais conservadoras da sociedade.

Todos esses elementos sugerem que o anticomunismo nasceu vigoroso no Brasil e potencializou-se a partir da Revolução Soviética; que a “Guerra Fria” iniciou-se em nosso país entre os gaúchos e numa das principais cidades do Rio Grande do Sul muito antes de 1945. E o alvo não poderia ser outro

senão os movimentos sociais e políticos que passavam a simpatizar com o proletariado no poder e a expectativa em relação à nova experiência dos soviets. Para isso, a imprensa conservadora e liberal foi o instrumento principal daqueles tempos para disseminar o anticomunismo e a oposição à Revolução Soviética.

Abstract

The article tries to show how the press liberal and conservative presented its vision on the first moments of the Soviet Revolution in Brazil, Rio Grande do Sul and the city of Santa Maria. This approach is related to the influence the consequences of the conquest of the power for bolcheviques in the social political movements then.

Key words: Press. Power. Bolcheviques.

Notas

- ² A direita liberal e conservadora, desde então, não mede esforços para desqualificar, atacar e fazer a luta contra a tradição marxista e a visão comunista de mundo. Após o fim da União Soviética, em 1991, diferentemente do que se apregoa, ela se aprofundou. Todos os símbolos e as conquistas do socialismo no século XX continuam a ser negados ou ignorados; as derrotas conjunturais das primeiras experiências socialistas foram superlativizadas e seus erros, transformados em aporte para a condenação de uma sociedade para além do capital.
- ³ Sobre o anticomunismo no Brasil ver MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

Sobre o mesmo tema, em relação ao Rio Grande do Sul, cf. RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: Ed. da UPF, 1998 (Série Ciência história); SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha*: imaginários anticomunistas brasileiros (1930-1934). Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2001.

- ⁴ Mesmo que com uma visão bastante discutível, o que foge aos propósitos deste artigo, sobretudo em torno dos mitos “positivos” ou “negativos” da Revolução Russa, é imprescindível a referência de FERRO, Marc. *O Ocidente diante da Revolução Soviética*. A história e seus mitos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ⁵ Sobre as dificuldades do pensamento marxista em nosso país, juntamente com o impacto da Revolução Russa, ver KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. A recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988, especialmente o capítulo 5, p. 117-140.
- ⁶ Sobre as lutas sociais na Primeira República, ver GOHN, Maria da Glória. *História dos movimentos e lutas sociais*. A construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Loyola, 1995, especialmente p. 59-80.
- ⁷ Sobre a situação do proletariado e o movimento operário durante a guerra, em nível mundial, ver o capítulo XXII de JOSTOV, V.; ZUBOK, I. I. *História contemporânea*. 3. ed. São Paulo: Novos Rumos, 1986. p. 211-213.
- ⁸ Idem, ibidem, p. 212-213.
- ⁹ Apenas em Santa Maria, durante o movimento, as forças militares de repressão assassinaram três operários durante uma das passeatas da greve.
- ¹⁰ As considerações sobre como a grande imprensa via a Revolução Russa imediatamente após o 1917 podem ser vistas em BANDEIRA, Moiz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. *O ano vermelho*: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 73 *passim*.
- ¹¹ BUONICORE, Augusto. *A Revolução Russa e a imprensa brasileira*. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/base.asp?texto=28259>. Acesso em: 6 mar. 2008.
- ¹² Em algumas notas, os maximalistas (que defendiam o programa máximo da revolução), os bolcheviques, tinham este nome em virtude da liderança maior do escritor, o qual daria nome ao movimento.

- ¹³ A tentativa de desmerecer o novo governo tinha como um dos principais motes a família burguesa como instituição basilar da “sociedade democrática”. No *Diário do Interior*, periódico de Santa Maria - RS, como em jornais estaduais e nacionais, chegou a ser divulgado que Lênin havia proclamado a “Semana do Amor”, na qual as mulheres de menos de 45 anos eram obrigadas a casar com quaisquer homens que as quisessem, ou seja, como em várias “notícias”, o Estado havia “socializado” as mulheres. Ao mesmo tempo, divulgava-se que não haveria mais nomes de famílias, pois as pessoas passariam a ser identificadas por números. Daí para os comunistas comerem crianças foi um passo.
- ¹⁴ Ver seu artigo 90 anos de Revolução Russa. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/revolucao_russa/artigos5.asp. Acesso em: 10 jan. 2008.
- ¹⁵ Cf. essas referências em CARRION, Raul Kroeff Machado. *História do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: [s. d.]. Mimeografado.
- ¹⁶ Ver “Que a união operária seja nossa pátria!” História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Santa Maria: Ed. da UFSM, 2001. p. 321.
- ¹⁷ Ver PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Borges de Medeiros*. 2. ed. Porto Alegre: IEL, 1996. p. 44. (Coleção Rio Grande político). Sobre a repressão como forma de solução dos conflitos sociais durante os governos de Borges no Rio Grande do Sul, ver QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. *O governo do Partido Republicano Rio-Grandense e a questão social (1895-1919)*. Dissertação (Mestrado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2000, p. 55-61. Estas passagens estão referenciadas em KONRAD, Diorge Alceno. *O fantasma do medo: o Rio Grande do Sul, a repressão policial e os movimentos sócio-políticos (1930-1937)*. Tese (Doutorado em História) - IFCH-Unicamp, Campinas, 2004, p. 206-207, nota 47.
- ¹⁸ PETERSEN, op. cit., p. 322.
- ¹⁹ Ver estas passagens em http://www.chekov.org/anarcho/newswire.php?story_id=5977. Acesso em: 10 jan. 2008.
- ²⁰ PETERSEN, op. cit., p. 328.
- ²¹ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho 1870-1937*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Tchê, 1992. p. 208.
- ²² Ver CARRION. Essas referências aparecem também em BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T., op. cit., p. 153. Segundo Isaac Akcelrud, o militante Santos Soares formou-se na tradição do internacionalismo proletário, sobretudo no contexto das greves que sacudiram o país durante o período da Primeira Guerra Mundial. Foi assim que, aos 28 anos, Soares se colocou à frente da Liga Comunista, numa época em que “o nome de Lênin, nas assembleias, incendiava os corações”, enquanto “era comum chamar os bolcheviques de maximalistas”. Este artigo de Akcelrud foi publicado pela primeira vez na revista *Problemas*, n. 39, em 1952. Está republicado em MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária*. Porto Alegre: Tchê, 1986, p. 118-126, de onde retiramos essas referências.
- ²³ CARRION, op. cit. O Manifesto da “União Maximalista” aos Operários, de 1º de novembro de 1918, pode ser encontrado na íntegra em PETERSEN; LUCAS, op. cit., p. 209-212, bem como em BANDEIRA; MELO; ANDRADE, op. cit., p. 363-367. João Batista Marçal escreve sobre o barbeiro e líder sindical Abílio de Nequete: “Seu nome primitivo era Obdo Nakto [...] Libanês que se considerava Sírio, foi inicialmente anarquista e colaborou no *A Luta*, de Pelotas, em 1916. Participou da greve geral de 1917 e nesse ano escreveu em *A Época*. Em 1918, fundou a União Maximalista de Porto Alegre, uma das vertentes originais do Partido Comunista Brasileiro. Foi preso em 1919, acusado de ‘subversivo’ pela sua participação em movimentos grevistas. Um dos fundadores do PC em 1922”. Ver MARÇAL, op. cit., p. 99.
- ²⁴ *A Federação*, 5 de jun. 1919, p. 1. Os exemplares deste periódico encontram-se no Museu de Comunicação Social José Hipólito da Costa, em Porto Alegre - RS.
- ²⁵ Ver o artigo Greves, renovações, revoluções sociais. *Correio do Povo*, 18 ago. 1918, p. 1. Os exemplares deste periódico também se encontram no Museu de Comunicação Social José Hipólito da Costa, em Porto Alegre - RS.
- ²⁶ Cf. o artigo A Europa perante o bolchevismo. *Correio do Povo*, 4 maio 1919, p. 2.
- ²⁷ Esses dados, bem como os apontados a seguir, são retirados de COSTA, Alfredo. *Rio Grande do Sul*. 2 v. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922. Um exemplar raro desta obra encontra-se no Arquivo Geral da Câmara de Vereadores de Santa Maria, em excelente estado de con-

servação, e foi gentilmente disponibilizado para consulta pela arquivista Jara da Silveira. Trata-se de uma obra escrita no início do século e que contém uma grande quantidade de informações interessantes sobre as cidades sul-riograndenses. Sua elaboração foi amplamente coberta pelos periódicos, contemporaneamente à Revolução Russa; seu objetivo era ser um retrato fiel das condições do estado no século 20 e seus dados são muito interessantes.

- ²⁸ A Primeira Guerra Mundial era a principal preocupação do periódico *Diário do Interior*, a principal fonte das passagens a seguir, recortadas entre os princípios da Revolução Socialista em Outubro até a consolidação da União Soviética, em 1921. O *Diário* era um periódico local, de relativa importância e de considerável circulação; considerado um jornal regional, expressava o papel de destaque exercido por Santa Maria na região. Os exemplares encontram-se no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria e estão num estado de conservação muito precário, deteriorados e muitas vezes ilegíveis. Há um enorme lapso temporal nas fontes referentes a todo o primeiro semestre de 1919.
- ²⁹ A referência à imprensa, em nível nacional, é extraída do texto de “Os impactos da Revolução Russa no Brasil” de Astrojildo Pereira, cujo original é de 1957 e republicado no especial *Revolução Russa: 90 Anos. Princípios*, São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, n. 92, p. 12-16, out./nov, 2007.
- ³⁰ Ver o periódico no Arquivo Histórico de Santa Maria. *Diário do Interior*, jul./dez. 1917.
- ³¹ MORAES, Antenor. Viva Kerenski!. *Diário do Interior*, 29 de nov. 1917.
- ³² Arquivo Histórico de Santa Maria. *Diário do Interior*, jul./dez. 1917.
- ³³ Estes “democratas” têm o apoio do jornal em questão, que chega, no mesmo dia, a pedir a atitude dos exércitos aliados para “salvar a Rússia das garras dos maximalistas”, ignorando completamente sua própria defesa, em relação à primeira guerra, de direito a autodeterminação dos povos. Organizados em diversos tipos de organizações, os trabalhadores e a pequena burguesia construíram suas greves e seus movimentos, mesmo que o Estado e as classes dominantes, basicamente alicerçados no poder econômico do latifúndio agrário-exportador, tratassem a questão social como caso de polícia, infligindo poderosa repressão àqueles que não aceitavam tal dominação, especialmente setores pobres e oprimidos das cidades.

Entre tantas reações à exploração – refletidas no II Congresso Socialista de 1902, nas primeiras manifestações públicas de 1º de Maio, na Revolta da Vacina de 1904, na fundação das diversas federações operárias nos estados, na Revolta dos Marinheiros de 1910, na Revolta no Contestado em 1912, nos vários movimentos contra o desemprego e a carestia de vida, a constituição da Confederação Operária Brasileira de 1913 – o resultado foi o acúmulo de consciência e organização dos trabalhadores.

Referências

- BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- BUONICORE, Augusto. *A Revolução Russa e a imprensa brasileira*. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/base.asp?texto=28259>. Acesso em: 6 mar. 2008.
- CARRION, Raul Kroeff Machado. *História do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: [s.d.]. Mimeografado.
- COSTA, Alfredo. *Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922. 2 v.
- COUTO, Evandro. *Porto Alegre: memória, cultura e rebeldia*. Disponível em: http://www.chekov.org/anarcho/newswire.php?story_id=5977. Acesso em: 10 jan. 2008.
- FERRO, Marc. *O Ocidente diante da Revolução Soviética*. A história e seus mitos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GOHN, Maria da Glória. *História dos movimentos e lutas sociais*. A construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Loyola, 1995.
- JVOSTOV, V.; ZUBOK, I. I. *História contemporânea*. 3. ed. São Paulo: Novos Rumos, 1986.
- KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. A recepção das idéias de Marx no Brasil, até o

começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

KONRAD, Diorge Alceno. *O fantasma do medo: o Rio Grande do Sul, a repressão policial e os movimentos sócio-políticos (1930-1937)*. Tese (Doutorado em História) - IFCH-Unicamp, Campinas, 2004.

MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária*. Porto Alegre: Tchê, 1986.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

PEREIRA, Astrojildo. Os impactos da Revolução Russa no Brasil. *Princípios* - Revista Teórica, Política e de Informação. Especial Revolução Russa: 90 Anos, São Paulo: Anita Garibaldi, n. 92, out./nov. 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Borges de Medeiros*. Porto Alegre: IEL, 1996. (Coleção Rio Grande político).

PETERSEN, Silvia Regina Ferrraz. *“Que a união operária seja nossa pátria!”* História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, Santa Maria: Ed. da UFSM, 2001.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho 1870-1937*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Tchê, 1992.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 1998. (Série Ciência História).

SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1930-1934)*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2001.

VIANNA, Marly. *90 anos de Revolução Russa*. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/revolucao_russa/artigos5.asp. Acesso em: 10 jan. 2008.